A ACOLHIDA DO ANALISANTE E O SINGULAR NO SETTING ANALÍTICO

Getulio Amaral Júnior[1]



A origem da palavra acolher vem de ACOLLIGERE, “levar em consideração, receber, acolher”. Destacando, pois, o sentido literário e levar em consideração é estar presente no ato da escuta, a maior forma de acolhida pela Psicanálise, é estar aberto a ouvir o encontro e o desencontro de quem nos demanda uma análise. É o analista reclinar sobre o que está sendo dito e como está sendo dito, os significantes mobilizadores do sujeito com sua história, suas vicissitudes, seus hiatos, suas incompreensões. É dar guarida a uma fala que vai se transformando ao longo do processo analítico de uma fala balizada pela lógica da comunicação estabelecida pelo social, através de convenções, polidez, comprometimento com o bem dizer, passando para um outro estado de fala, a fala do dispositivo freudiano da livre associação.

Livre associação em que o sujeito é incitado a falar tudo sem filtros, sem compromisso com razão, lógicas e falar coisas que o sujeito ao se ver envolvido no processo de análise descobre-se que tem algo nele que por mais que ele fale, ele também é falado pela dimensão da outra cena: o inconsciente, descobrir que sua descontinuidade é uma continuidade não dada a ser vista mas que no processo, revela-se radical, intrusiva, que o ultrapassa.

O sujeito vai saindo do sintoma como algo exterior para descobrir que o sintoma é um signo que precisa ser falado e converter-se em significante onde o sujeito que fala, passa de sujeito do enunciado para sujeito de enunciação.

A acolhida do analista é singular pois na sua acolhida, no seu ato de acolher, de resgatar o sujeito falado pelo Outro, agora vê-se como aquele que emprestou sua subjetividade à alienação seja: familiar, escolar, religiosa, grupos sociais, relações afetivas e tutti quantti para a revirada moebiana de falar de si, esse “si”, é um universo com angústias mas que o eleva a uma condição singular.

Essa junção da fala do analisante que se converte no bem dizer para dizer bem, ou seja, dizer o que nunca disse, muitas vezes nem mesmo a si, abre-se o dispositivo para que o analista em suas pontuações, interjeições, perguntas, interpretações, dê-se o fenômeno da transferência, fenômeno esse que não foi inventado pela Psicanálise mas que foi elevado a nível de conceito-práxis onde o analisante no passeio das diversas sessões coloca o analista na suposição de saber, um saber que é dirigido pelas falas que tropeçam do analisante e que falam mais do que ele imaginava. Ao corcel do tropeço da fala está lá o analista garimpando aquilo que o sujeito instituía como estranho, enigmático e devolve ao analisante. A fala passa pela escuta do analista e retorna para o analisante que se horroriza com a inconsistência de sua condescendência de ter apenas o lado claro.

Como diz Caetano Veloso:

Existe alguém em nós
Em muitos dentre nós
Esse alguém
Que brilha mais do que
Milhões de sóis
E que a escuridão
Conhece também...

A escuta engajada do analista que não se escraviza aos fatos mas nos hiatos dos fatos narrados estatui uma luz na condição das censuras que o analisante se agarrava e que o desafia pois, muitas vezes ele não entende porque tudo está tão bem e à revelia ele não se sente bem. A pergunta sulfurosa de Lacan : o que queres? Designa uma direção de tratamento em que o sujeito sai do gozo do sintoma para o desejo que ele teme mas que é sua essência.

O singular como uma singularidade na astronomia acontece: o analisante vem com seu sintoma e o analista aponta: é, na verdade, sua angústia.

1 Psicólogo e psicanalista. Especialista em teoria psicanalítica de orientação lacaniana, supervisor clínico. Psicologia na UEPB.